

Grupo de Flautas Doce em um curso de Licenciatura e Música: aprendizagens coletivas

Lourival da Silva Souza
lourival77@hotmail.com
EMEF Instituto Bahá'í/Gravataí

Maria Cecília de Araujo Rodrigues Torres
maria.torres@ipa.metodista.br
Centro Universitário Metodista IPA

Ayres Potthoff
ayres.potthoff@ipa.metodista.br
Cento Universitário Metodista IPA

Resumo

Este trabalho é um relato de experiência que vem sendo realizada em um Grupo de flautas doce no Curso de Licenciatura em Música. Esse projeto é uma proposta que decorre do trabalho que já vem acontecendo no Grupo de Flautas do IPA desde 2012, no sentido de consolidar e ampliar as ações de extensão e ação comunitária e também dar continuidade ao estudo da flauta doce que ocorre em dois semestres do Curso. O processo de musicalização em grupo através da prática de um repertório ampliado - leia-se da música do Renascimento ao popular brasileiro - oferece aos alunos o contato com os diversos estilos musicais e, ao mesmo tempo, busca uma aproximação com a comunidade local, no sentido de ampliar os fazeres musicais com um repertório eclético com peças de diversos compositores assim como incentivar o trabalho de criação de arranjos musicais para o Grupo por parte dos alunos.

Palavras-chave: Grupo instrumental, Flauta doce, prática coletiva de instrumento, arranjos musicais

Abertura: primeiras notas

O projeto “Grupo de Flautas doce do IPA” é uma proposta que decorre do trabalho que já vem acontecendo no Grupo de Flautas do IPA desde 2012, no sentido de consolidar e ampliar as ações de extensão e ação comunitária. O processo de musicalização em grupo através da prática de um repertório ampliado - leia-se da música do Renascimento ao popular brasileiro - oferece aos alunos o contato com os diversos estilos musicais e, ao mesmo tempo, busca uma aproximação com a comunidade local. A partir de 2017, o Grupo de

Flautas transformou-se em um Projeto de Extensão Comunitária¹ e está articulado ao PPC do Curso de Licenciatura em Música do IPA, que contempla no primeiro e segundo semestres do Curso o ensino de flauta doce para todos os alunos e, desta maneira, promove o espaço do fazer musical coletivo tão necessário ao desenvolvimento musical, principalmente, na educação musical dos jovens-adultos. Assim, o Grupo de Flautas, é um espaço de continuidade da prática de flauta doce coletivo, com possibilidade de ampliação de repertório de diferentes épocas e estilos, bem como uma proposta interdisciplinar de dar continuidade aos Projeto de Extensão com apresentações didáticas em escolas da rede pública e particular de ensino da cidade de Porto Alegre.

Em relação ao projeto de flautas doce e o fazer musical coletivo em um curso de Graduação, trazemos algumas considerações de Ivo (2015) ao final de investigação realizada com 3 grupos de flauta doce no contexto de Cursos de Licenciaturas em Música em Universidades Federais, na qual autora enfatiza que:

A prática de conjunto da flauta doce se demonstrou uma excelente alternativa para a ampliação dos conhecimentos que podem ser adquiridos tanto no ensino quanto na aprendizagem desse instrumento. Sem desconsiderar a importância do estudo instrumental individual, foi possível perceber que a prática em grupo, devido as suas especificidades, é essencial para a formação daquele que deseja aprender a tocar um instrumento, seja ele a flauta doce ou qualquer outro (IVO, 2015, p.7).

Corroborando com a argumentação de Ivo, acreditamos também que o fazer musical em grupo, com ações de socialização com a flauta doce, ex-alunos e membros da comunidade que tenham interesse em fazer e apreciar música, seja visto antes de mais nada como uma prática social (Souza, 2000) que buscamos desenvolver e que está em consonância com os valores de inclusão e diversidade que fundamentam o Curso de Música do IPA.

Como justificativa para essa proposta está o objetivo de dar continuidade ao trabalho com a flauta doce que inicia com a flauta doce soprano no 1º. Semestre do curso e que, ao longo dos 11 anos de curso, percebeu-se que é um instrumento novo para a grande maioria dos alunos e que trabalha diretamente com questões de percepção musical, tato, motricidade fina, digitação, respiração e escuta, aspectos que são importantes para a formação musical e docente dos nossos discentes.

¹ Projeto de Extensão aprovado em 2017 para dar continuidade ao trabalho do Grupo de Flautas doce do IPA.

Estrutura e dinâmica do Grupo

O Grupo iniciou o trabalho com um pequeno número de participantes, entre 4 e 5 integrantes, variando e ampliando nos semestres seguintes e hoje, no primeiro semestre de 2017 conta com um grupo em torno de 15 integrantes, incluindo um egresso e um ex-aluno do Curso.

Os ensaios acontecem duas vezes por semana, segundas e quintas-feiras com 1 hora e 30 minutos de duração, com a participação em um ou nos dois dias de acordo com a disponibilidade de cada integrante e com a coordenação de dois professores do Curso.

Todos os integrantes tocam flauta doce soprano e alguns tocam tenor e contralto, contando no momento com um aluno que toca flauta baixo. Dentre os integrantes alguns também tocam violão e já tivemos um violoncelo no grupo, executando alguns arranjos com flautas doce e as cordas e também com a inserção de alguma percussão.

O ingresso no Grupo é sem nenhum tipo de seleção e os alunos podem participar já a partir do primeiro semestre do curso, pois certamente traz desafios para os professores/regentes. Nessa perspectiva concordamos com Torres e Beineke (2006) em artigo sobre um grupo instrumental na escola, quando pontuam que:

A partir dessa configuração de grupo, da dificuldade em encontrar arranjos para essa formação de instrumentistas e da necessidade de explorar e equilibrar a sonoridade dos naipes, foi necessária a pesquisa, criação e organização de materiais e arranjos para o Grupo [...] (2006, p.83).

Repertório: entre trios, quartetos e quintetos

O repertório selecionado para o Grupo de Flautas IPA é pensado e revisto conforme as especificidades do grupo. Mais do que propor uma variedade de músicas, o processo de seleção das peças busca contemplar o nível dos executantes proporcionando a prática de conjunto, os desafios técnicos que avançam progressivamente em relação a extensão das notas, o trabalho de afinação e sonoridade, o trabalho com a dinâmica das vozes e do grupo, assim como questões que envolvem a digitação e a ampliação com diversos estilos musicais. Ivo (2015) comenta sobre a seleção do repertório em um grupo e ressalta que é tópico de grande importância a ser considerado e complementa que “Nele estão incluídas questões complexas, como a eleição dos conteúdos que serão ensinados e aprendidos a partir das músicas selecionadas, o que, por sua vez, irá justificar a escolha do mesmo”. Finaliza

chamando a atenção para o fato de que “o repertório de um grupo irá determinar a sua identidade, como e com o que se identifica e que por isso decidiu representar” (2005, p.6).

Nossa proposta de repertório é rica e eclética, abrangendo diversos períodos musicais e resgata para o grupo de flautas peças que vão desde a Renascença como *Belle qui tiens ma vie*, de Thoinot Arbeau e *Si come crescon*, de Claudio Monteverdi, passando por compositores do Barroco tais como *Allegro* da Primavera (Quatro Estações) de Vivaldi; *Jesu meine Freude*, de JS Bach. Já do Classicismo músicas como *divertimentos* de Mozart (Allegro, Andante, Minuetto); Balé da ópera "Ifigénie en Aulide" (Gluck), além das peças contemporâneas que vão de Beatles, Gershwin, a canções brasileiras como *Gente humilde* (Garoto/Vinicius de Moraes e Chico Buarque de Holanda), *Carinhoso* (Pixinguinha), além de arranjos de músicas folclóricas regionais, tradicionais, peças do repertório infantil e trilhas de desenhos e filmes infantis.

Buscamos conhecer as composições brasileiras feitas para a flauta doce no sentido de ampliarmos nosso repertório e técnica no instrumento e, nesse sentido, Carpena (2014) comenta na obra “Prata da casa” que “o repertório brasileiro para flauta doce é muito recente e vem se desenvolvendo junto com a trajetória do instrumento no Brasil, principalmente a partir da segunda metade do século XX” e complementa que “ainda representa uma parcela muito pequena do que se escuta nas salas de concerto”. (2014, p.15)

Um outro tópico no repertório envolve os arranjos musicais realizados por colegas do grupo pensando nas especificidades dos naipes e no nível de cada instrumentista. Incentivar as habilidades musicais de cada um e procurar ao mesmo tempo construir arranjos musicais musicalmente interessantes, faz parte da proposta de trabalho do Grupo. Compartilhamos assim com as ideias de Torres e Beineke (2006) que destacam que na experiência delas passaram “também a adaptar e arranjar peças, especificamente para o nosso grupo, de forma que todos os participantes pudessem se envolver musicalmente”. (2006, p.83)

O desafio aceito por alguns integrantes tem gerado bons frutos, pois boa parte do repertório de música popular brasileira incluindo *Sampa* (Caetano Veloso), *Pezinho* (folclore gaúcho), *João e Maria* (Chico Buarque de Holanda), *Asa Branca* (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira) e *Cantiga* (Marlos Nobre) foi arranjado por Marco Aurélio Junior e Gilberto Capeletto, dois membros do Grupo de Flautas do IPA e que realizaram seus estágios supervisionados em espaços não escolares, nesse caso no Grupo de flautas. As diversas combinações entre as vozes (duas, três, quatro e até cinco partes), variando entre execuções

com o grupo completo e alternando com formações menores proporcionam uma riqueza e colorido nas apresentações e contemplando os níveis de todos os integrantes numa variedade de estilo, técnica e diversidade de repertório.

Outro aspecto que merece destaque é o trabalho com canções de caráter vocal dentro de uma extensão confortável para os executantes pois auxilia na compreensão do fraseado, na consciência melódica de afinação e entonação partindo de uma prática natural do canto que também evidencia a respiração como fator fundamental na execução das peças, bem como no entendimento das frases. Essas questões tornam o exercício de "ouvir-se" dentro do grupo, uma experiência interessante oferecendo uma sutil, porém considerável diferença na prática de conjunto. Com base nesse aspecto, é comum ouvir dos integrantes do grupo que participar do Grupo de Flautas tem mudado ou influenciado na sua percepção do canto, solfejo e na sua relação com o entendimento da relação polifônica entre as vozes.

Proporcionando uma prática inclusiva e democrática para todos os participantes - um dos fundamentos da proposta deste grupo - algumas peças escolhidas podem apresentar, por exemplo, uma das vozes com uma linha melódica mais simples ou numa região mais confortável dentro da escala enquanto outras vozes se movimentam numa elaboração mais intrincada ou em maior grau de dificuldade técnica, conforme os executantes dentro do grupo. Essa relação entre as vozes é pensada para dar maior variedade e riqueza no conjunto, partindo da simplicidade que por sua vez evidencia toda uma gama de detalhes e colorido no conjunto.

Em geral, as peças são comentadas durante as apresentações por integrantes do grupo, contextualizando-as em seus períodos históricos e evidenciando assim, o caráter também didático do Grupo Flautas como da prática de conjunto em sua interação com o público.

Finalizações

Assim, com em tantos outros lugares, deparamo-nos com uma realidade imposta pela educação brasileira – ou a falta dela – que é receber num curso superior alunos oriundos de diversas cenas sociais e, por consequência de contextos musicais diversos. Alguns deles chegam ao curso superior com poucas informações, mas ao mesmo tempo com muita vontade de superar os limites impostos pela sociedade, por ampliar seus horizontes de

conhecimentos e por novas aprendizagens e desafios. É, exatamente neste cenário, que reside a transformação e, de acordo com as ideias de Fonterrada (2008) comentadas na apresentação de sua obra *De trama e Fios*, na qual a autora defende que “a música é uma parte necessária, e não periférica, da cultura humana, merecendo ocupar um lugar proeminente no sistema educacional”. (2008)

A possibilidade de inserção em um mundo musical novo, e o encontro com diferentes realidades musicais e sociais, abre um espaço interno para o crescimento, embora na maioria das vezes também gere insegurança, motivada pelo contato com o novo, com o desconhecido e, muitas vezes, em um cenário social-musical distante de sua realidade de origem. Consideramos também um espaço privilegiado para o aprender e ensinar música de professores e alunos, em uma mistura de ritmos e estilos musicais.

O Grupo de Flautas do IPA por sua proposta de musicalização em grupo, oferece aos alunos o contato com os diversos estilos musicais, e busca quebrar as barreiras ao incluir sem distinção, alunos de diferentes níveis musicais e, através da experiência musical dos diferentes repertórios, incentiva-los ao constante crescimento musical e artístico.

Acreditamos nessa prática musical alicerçada nos princípios do fazer musical coletivo com uma proposta de incluir a comunidade, participando de eventos didáticos em escolas de Educação Básica com repertório comentado e diálogos musicais com outros grupos de flauta doce e dialogando com outros projetos de extensão.

Referências

CARPENA, Lucia Becker *Prata da Casa – Obras para flauta doce escrita por compositores ligados à UFRGS* (org.). Porto Alegre: UFRGS, 2014.

IVO, Laís Figueiroa. A prática coletiva da flauta doce no contexto do ensino superior: uma investigação de três grupos musicais ligados a universidades. In: *Anais... XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical*, Natal: ABEM, 2015.

FONTERADA, Marisa Trench. *De Trama e Fios – Um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora da UNESP, 2ª. Edição, 2008.

TORRES, Maria Cecilia; BEINEKE, Viviane. Grupo instrumental: uma possibilidade de educação musical na escola. In: CAPISTRANO, Naire Jane (org.). *O Ensino de Arte e Educação Física na Infância*. Natal: UFRN/PAIDEIA/MEC, 2006.

SOUZA, Jusamara (org.). *Música, Cotidiano e Educação*. Porto Alegre: PPGMúsica/UFRGS